

## Língua e estética em *Ininterruptos, choremos ruas dentro dos ossos*, de Delalves Costa

Alexandra Vieira de Almeida

Escritora e Doutora em Literatura Comparada (UERJ)

O novo livro de poemas de Delalves Costa, *Ininterruptos, choremos ruas dentro dos ossos* (Bestiário, 2020), congrega em sua tessitura o desenvolvimento da experimentação linguística e estética. O poeta não trabalha com o oco da forma, mas expõe os ecos da estrutura formal, produzindo desdobramentos conceituais e imagéticos originalíssimos. A forma e o conteúdo estão entrelaçados com tanta unidade que perfazem uma pluralidade que densifica as várias questões no campo dos saberes e temáticas: o sociopolítico, o existencial, a metapoética, o ambiental e o referencial. Aborda o tema do tempo na mesma dimensão complexa com relação à seca, às queimadas das florestas, à lama soterrando pessoas, imagens de um Brasil adoecido pelo corte sangrento de um sistema social opressor e que cria as maiores desigualdades em várias esferas da existência. Há referências literárias a grandes nomes da literatura, tais como Drummond, Cervantes e Machado. O diálogo entre o saber e o não saber, a existência e a inexistência, o dia e a noite, a vida e a morte, entre outros elementos contraditórios, se dinamiza através da relação engenhosa entre o abstrato e o concreto, como muitos grandes escritores conjugaram.

A obra tem a apresentação do escritor Carlos Nejar, da Academia Brasileira de Letras, que soube captar com maestria o cerne da poesia inaugural de Delalves Costa. O imortal diz sobre o livro do poeta por ora aqui analisado: “Caracteriza-se por um jogo de contraposições entre o poético e o prosaico, o uso de vocábulos que normalmente pesam e no seu caso, consegue tornar leves e voantes no poema”. *Ininterruptos* é composto por 59 poemas, sem títulos, todos numerados numa sequência, mas que não segue uma lógica linear e progressiva, pois que revelam textos poéticos de grande singularidade, criando-se uma precisão simétrica ao tentar organizar o caos, uma lógica subjacente que eclipsa uma harmonia perene, mostrando um equilíbrio entre a assonância e a dissonância, a ordem e a desordem. A harmonia não se atém a uma transcendência, mas a um enovelar da lã matematizante, pois que a soma de 5 e 9 resulta no número 14, símbolo da temperança e regularidade. É recorrente também na sua poesia o número 8, que sintetiza o infinito e, portanto, a inventividade de sua poesia, nas suas combinações cada vez mais complexas e ímpares.

O primeiro poema nos mostra que a poesia não é língua morta, mas movente, em trânsito, dependendo da percepção do leitor. Num processo de autoironia, a poesia é submetida a ela mesma como numa sentença, em que o receptor pode “elevá-la à força”. Numa rede opositiva, seu poema enaltece a poesia que se eleva, mas que pelo julgamento e critério do papel do outro, ligado ao senso comum e não ao bom senso, pode rebaixar a poesia a um castigo, estrangulando-a ou sufocando-a, pela má interpretação. Nesse texto, temos uma metapoética do paradoxo no escrutínio do leitor. É um poema analítico, de inquirição e investigação, utilizando o vocabulário do campo da justiça para a descoberta do novo, os originais caminhos não percorridos. Por outro lado, há a exposição crítica corrosiva, ácida, na esfera do poder canônico. Todos os versos de seus poemas se iniciam com letras minúsculas, traduzindo, dessa forma, um cântico àquilo que não se reduz à uma solenidade poética, mas que abstrai dos vocábulos a potência criativa a partir de neologismos genuínos e arranjos inusitados, que quebram com a rotina lingual.

Enquanto na primeira estrofe desse rico poema, encontramos o leitor imaginário sobre sua própria escrita, na segunda estrofe ele faz o chamamento para seu leitor real, concreto, com a inversão do tom a partir de um fator biológico. Um fato que não é corriqueiro no campo da medicina, fazendo uma analogia entre a gravidez com o útero voltado para trás, para as costas, com sua estratégia poética, pois é necessário colocar às vezes o órgão na ordem correta, para frente. Mas mesmo com a modificação anatômica, a gravidez ocorre, sem impedimento. Delalves escreve: “mal sabia que parir/de útero invertido causasse/tanta dor/que do pé/de flor só brotasse espinhos”. Há o caráter ambíguo do símbolo “flor/espinhos”, nos fazendo perceber pelas metáforas diferenciadas, que o poeta ordena o caos com precisão cirúrgica.

Na expressão “atemporal urticária”, une algo que ultrapassa o terreno, a cronologia e um componente corporal com uma reação alérgica. O além do tempo e o material causam um estranhamento num recorte em que se completam os elementos totalizantes do recurso paradoxal, misturando fragmentos que pareceriam indissolúveis, mas que pelo oceano da escrita, revelam seus múltiplos encadeamentos. Delalves também quebra a estrutura da palavra, criando efeitos inventivos, com a separação num verso e a reconstrução no outro verso, costurando vazios e buracos que sintetizam as faces do esquecimento e da memória, da solidão e da comunhão, do indivíduo e do coletivo. Sua poesia conjuga o tempo de Cronos (Senhor), do relógio, do

calendário, em que sua poesia é medida minuciosamente com riqueza exemplar a tecer os véus das horas, minutos, dias, semanas, meses e anos; e Kairós (Jovem), pois a efemeridade da vida é subvertida pela imortalidade da poesia, sem cronologia, o tempo que corta a medida, o “extemporâneo.” Temos a sabedoria do mais velho e a curiosidade latejante do jovem. O inesperado e a expectativa das horas que se prolongam. A poesia é tanto vida e morte, Eros e Tântatos, prazer e sepultamento.

Em Machado de Assis, temos a figura do leitor ignaro. Delalves nos revela a partir desse livro a crítica corrosiva ao leitor que não sabe apreciar a poesia, utilizando palavras que demonstram a erosão das coisas que pode tirar a essência do que é verdadeiro e válido. Sua poesia mistura estilos, com hibridismos, como, por exemplo a analogia entre a semântica da medicina, da geologia, da biologia, literatura e assim por diante. Na sua poesia, para além da morte, da nossa necropolítica, revela a ambivalência de sua dupla face, pois que há o nascimento, a criação, o reflorestamento de uma pátria imaginada e utópica. Do útero ao túmulo, sua poética faz o itinerário, a grande viagem desde antes de nascermos, às lembranças da infância, da maturidade e da velhice e de um tempo futuro sonhado, com uma *poiesis* aguda, reflexiva, que carrega muita complexidade e diversidade em meio à unidade.

No título “Ininterruptos”, a expressão nos direciona ao que é contínuo, constante, no transcurso de seu rio-fluxo-palavra. Um título que se alonga, deixando o leitor se deitar e se estender nesse leito bravio de sua poética. Continuando, temos o externo que se densifica no interno, apresentando, dessa forma, a relação entre a linguagem, a ossatura, o esqueleto dos textos, mergulhados na realidade mais pulsante, a carne e os nervos das ruas: “choremos ruas dentro dos ossos”. O próprio nome do livro é um poema, uma metáfora para a construção de sua urdidura poética. E com “Ininterruptos”, constrói o inventivo neologismo “ininterruptos”, na tentativa de abarcar o mundo no seu campo de percepção utópica, juntando duas palavras existentes num processo combinatório perfeito. Mas, por outro lado, todos se igualam na sua finitude. Utiliza uma expressão mais poética com algo usual, ligado ao tempo, “à vala comum”, com doses de criação mais elaborada, como em “homemporâneo”. Cabe ao leitor pesquisar, preencher a lacuna deixada pelo autor em que o homem deve ser visto pelo seu não pertencimento, ao que não é estabelecido, ao que nunca existiu, mas que a partir do agora passa a existir, ultrapassando a morte e a derrota. O ser não deve se dobrar às esferas do que é conhecido. Tal neologismo dá novos sentidos às palavras já existentes. Nesse processo de formação das palavras, dá-se a comparação com o conceito, pois se cria o desconhecido a partir do conhecido. Mas para que haja algo novo e nunca pensado, é necessário romper com o modelo.

Sua poesia de teor filosófico não tem uma origem, nem fim, é o deslimite, o que não se limita ao já acordado, domesticado, buscando o anterior a um momento originário. A palavra pátria é ressignificada em sua poesia, uma metáfora para um *habitat* em meio ao vazio, ao vazio, de forma imaginária. O silêncio frutifica novas terras, inabitadas pelos inescrupulosos e corruptos. Mas é necessária uma pausa nesse trajeto longo, cheio de “limo” para ele “desmorrer antes da noite”. O retorno à vida é esse chamado para uma terra desconhecida, anterior ao caos e à ordem, uma jornada que requer o parto de novas perspectivas. Na “curva que lhe dá sobrevida”, o “ethos ininterrupto” busca a sinuosidade, como uma serpente metálica a corroer a retidão, a normalidade. A curva dá a ideia de desvio, que não segue a linha reta, o comum, a banalização. Suas palavras são carregadas de valores polissêmicos, escolhendo os caminhos mais incomuns para combinar palavras. O ethos se refere aos costumes de uma sociedade, ao comportamento de uma coletividade, portanto, tem ligação com o coletivo.

Mas o “homemporâneo” quer se criar como indivíduo, como diferença, como alguém que quer ultrapassar o caos reinante. Inserido no seu tempo, como algo que não se quer interromper, o sofrimento, o choro das ruas naufraga os ossos do ver, de cada ser, do próprio de cada sujeito. Seria algo que nos faz lembrar do super-homem nietzschiano, que não quer se acomodar nos valores tradicionais, criando valores originais, como na terceira metamorfose, o estágio da criança. O super-homem (Übermensch), como descrito por Nietzsche, procura a superação. Delalves quer encontrar o homem a frente de seu tempo e não cristalizado, domesticado ou alienado. Procura por uma terra inexplorada. Numa construção formal, os poemas dele são divididos por estrofes, em sua maioria, trabalhando com as partes em branco, a pausa, sugerindo o nascimento do novo, o que antecede a palavra, o vazio entre uma criação e outra. E, também, há poemas como a questão do título, ininterruptos, num só fôlego espaço-temporal vertiginoso a nos acelerar e nos fazer ter *insights* diretos sobre o texto. Os poemas quase não têm pontuação, elevando essa agilidade do que flui continuamente, como o fluxo do tempo e das sociedades que não param de se distender.

Num dos poemas, Delalves diz: “enquanto dormes sem tirante/e nem cabo, ponte pênsil/a estar entre todos e a queda/entra a história dos refugiados/na pátria entra a história do índio desenraizado entra/a história da moça pobre”. No verbo dormir, temos o sonho, sem os adornos de uma construção desnecessária,

suspensão, pendurado, enquanto outros estão inseridos na história brutal do nosso dia a dia concreto. Sua poesia aqui não é aérea, finca suas raízes na terra, no chão da sociedade, com uma poética de cunho político. Para os indiferentes e adormecidos de nossa realidade gritante, por outro lado, encontramos os sussurros da vigília que se vigia pela manipulação do sistema panóptico. No decorrer do poema, com rapidez e agilidade, ele representa a urgência em se olhar para os descasos de nossa sociedade desigual: quem vende guloseimas, o gari, o negro, a prostituta, o ladrão. E no meio disso tudo, entra até o padre nessa história. São os fatos das pessoas silenciadas pela história oficial, dando “ênfase” na palavra “entra”, no sentido de despertar, o olho aberto, que é um chamado à reflexão. Mas em meio a todo esse caos urbano e cruento, tem-se a leveza do poeta que “cultiva primaveras no abismo”. Há aqui uma crítica ácida aos que não ouvem, não veem, pois estão num estágio de amortecimento, sendo que o poeta utiliza um concretismo ressignificado pela poesia cheia de perplexidade ao mostrar a quebra desse “amortecer”, separando as expressões “amor” e “tecer” em versos diferentes, na tentativa de se criar o humano que ficou perdido em qualquer esquina.

Em outro poema, o poeta mistura o sagrado e o profano, o tempo do *religare* ao fator social e histórico numa confissão ao padre. Ao falar sobre o preconceito da etnia negra, a voz lírica mostra a cisão da sociedade pelos preconceitos, em que o indivíduo perde sua “autenticidade” pelo aspecto “totalitário” do sistema. Cita um termo geográfico, o supercontinente único, Pangeia, que aponta para a totalidade. A ideia tem duplo sentido. Um só continente teria dado origem à divisão, algo físico e geográfico. Que também pode ser comparado ao tema bíblico da torre de Babel, que provocou uma separação, uma divisão, com a diferenciação das línguas. Há os duplos da unidade e separatividade, em que a metáfora serve para se reportar às desigualdades que não se interrompem. O texto fala das mortes, e finaliza com a ideia de que somos fragmentos, partículas, faíscas em face de Cronos: “eis-me fagulha/na boca do tempo”. Assim, temos uma imagem poética para se expressar a dor perante a bagunça do mundo que é controlado pelo tempo feroz a medir tudo. Resta ao poeta ser o porta voz da chama que acordará o homem novo. A “fagulha” pode ter um significado ambíguo, representando o ínfimo, mas também a ressurreição perante as cinzas. Dessa forma, sua poética é plural, admitindo vários itinerários por mapas não previstos.

No poema 5, por exemplo, temos os sentidos ocultos, as entrelinhas textuais. Na imagem/metáfora “ostra solitária”, admite a preciosidade e a solidão do poeta. Alguém que tem autenticidade em meio à inutilidade do meio circundante, que é hostil. Como na concha que expõe dor e produz uma bela pérola. A dor percorre seus poemas, seu grito contra a bestialidade humana. O poeta busca o tesouro maior que surge após o caos anterior, a função da arte com a ordenação da escrita. E algo que é referente à mulher, “parto salgado”, é ressignificado pelo sentido lírico da pena do escritor, em que “nasce corpoema – pérola”. Dessa maneira, a poesia é corpo-objeto e não apenas intelectual. Há a sensibilidade corporal e o apuro formal da estrutura. Através de uma adversidade, de um corpo estranho, nasce algo grandioso e de rara beleza. E é a partir da dor, citando “Pessoa”, aqui em via de mão dupla, o poeta português e o sujeito, que o poema pode frutificar a partir da chuva, da água, do mar. Alma-corpo se traduz na imersão do lapidar com suor, com trabalho, como nos apontou o poeta Valéry.

Existem outros poemas de Delalves que realizam, com brilhantismo, a fusão entre o bíblico e o social. Num deles, faz uma releitura bíblica pelo viés sociológico, mostrando as mazelas da pobreza num sistema que produz diferenças gritantes entre classes. Ele diz: “e aos Milhões:barrigas de aluguel/manjedouras ilegais da pátria/(oh, presépio-sem-estrelas!)/no curral, chora o refém-Nascido/chora a fome que não tem/chora a casa nele refém/chora vida, nascida recém”. E continua na última estrofe, sua perplexidade a partir da reconhecimento formal que traduz o sistema se saúde em meio à sensibilidade do pai: “na tábua -quer saber a mãe:/menino ou menina?/(sus) pirando o pai não sabe.” A metáfora do menino-Jesus pobre que nasceu de forma simples é criticada duramente através de sua ressignificação em tempos atuais, em que a criança em meio ao descaso da miserabilidade, no seu “Presépio, sem alta”, “mija nudez”. Entretanto, apesar de toda a sujeira que encobre nossa sociedade, há a inocência do recém-nascido, que é refém da nossa estrutura massacrante.

No poema 12, encontramos a citação de parte do título do livro como fazendo parte do corpo do poema, um verso em meio à urgência da morte, que a todos desafiam com sua foice ceifadora. Delalves escreve: “embora choremos ruas dentro dos ossos/não há palavras de ponte/corpo d’água: rios de nós”. Aqui, há um duplo sentido: o ser, em sua dimensão coletiva, que nos iguala, num corpo de rios, mas que apontam para os nós da corda, que nos prendem na “travessia” do morrer em meio à vida aquática, líquida, que nos submerge no instante da transformação, da mutação. O tema da morte transpassa vários poemas, com a imagem recorrente do “sol,” que revela o contraste, pois ao mesmo tempo que nos aquece, nos dá vida, queima e mata. O sol e a noite têm um mesmo teor de vivacidade e destruição, seduzindo e dilacerando. A nossa “travessia”, em seu

sentido rosiano, que é linguagem pluralizada no meio-tom da existência-inexistência, figurada em versos ricos em simbolismo, na sua passagem pelo mundo. Na linha tênue e dupla entre pátria e apátria, sua escrita realiza uma confecção linguística, com experimentações no céu da boca, carne do mundo que tangencia a morte e a destruição.

No poema 16, temos também o início do título da obra poética de Delalves, em que “ininterruptos”, num sentido ambíguo que perfaz o jogo entre o social e o metalinguístico, apresenta o caos que se encontra na desrazão e irracionalidade da crise sistemática, o colapso da sociedade que provoca uma resistência, uma luta, pela poesia vislumbrada pelo poeta nas “fissuras no intransponível”, que com seus “gritos” de liberdade, extrai a dor, o seu “nódulo”, para causar uma turbulência no mar sossegado da alma. São recorrentes no livro palavras como “caos”, “sol”, “morte”, “corpo”, “luz”, “rio”, “ossos”, “estrelas”, “oito”, constituindo-se uma semântica plena de ambivalência. Ainda, percebemos outras expressões significativas, como “jornal”, “coveiro”, “necropolítica”, “bala perdida”, “asfixia”. Sua poesia oscila entre o sagrado e o profano, a crença e a descrença, o ateísmo e o bíblico. No contraste entre vida e morte, a vivacidade do poético se choca com a cicatriz do real, a concretude de uma sociedade que produz pus e sangue.

Assim, sua poesia é capaz de falar do belo e do espúrio, numa estética plena de sentidos variados. Além disso, o poeta retoma palavras e neologismos de seus livros anteriores, retrabalhados com originalidade em novos poemas, na construção do corpo da linguagem, como “extemporâneo” e “midiaserável”. Nesse novo livro, Delalves trabalha com temas atuais, como o novo vírus, a lama que produziu mortos, entre outros. Não no seu tom cotidiano e banalizado pela mídia, mas artístico, literário, com a crítica social bem estruturada. E num apelo existencial do homem, unindo o estético ao reflexivo, diz, no poema de número 22: “midiaserável; o fogo exala igual ardência”. Também é recorrente a imagem das estações do ano, solidificando as relações entre corpo e escrita, ser e não-ser, artifício e natureza. E num apelo final contra os desmandos de um jornalismo que nos mata simbolicamente, como meros números, sem sensibilidade, banalizando a morte, Delalves finaliza, num contraste perfeito: “dos vivos, dos vivos/almas embarradas amanhecem na lama/e noticia-se a morte, mas não os mortos”. Em meio ao anonimato e insignificância, o sistema social opressor demonstra sua indiferença aos mortos, que perdem suas almas, suas individualidades, num labirinto coletivo que nos aprisiona, como na lama que enfraquece a alma, realizando um jogo de palavras rico em referências com o ser e o que nos cerca.

E nos seus poemas, não poderiam faltar as homenagens a várias personalidades importantes universais e a uma pessoa de sua afetividade, como Hírdina Joshua, no poema 24, retraduzindo a temática do tempo, num paradoxo entre aspereza e leveza. Poemas dedicados também a Mia Couto, Carlos Nejar, de beleza poética e lírica exemplares. E, para finalizar, em sua esfera amorosa, a musa, um poema com dedicatória para Andresa da Cruz Teixeira, que ressignifica os ditos populares pela potência do *constructo* poético e de intenso lirismo. E, num texto poético mais ousado, trabalhando com o erótico de forma implícita, como nos ensinou o ensaísta Roland Barthes, escreve, no poema 29: “corpos sem orgasmos coam/prazer sem estética”. Aqui, nesse texto, utilizando quatro dísticos, no primeiro verso dos três primeiros dísticos, temos o final deles com verbos, indicando ação, mas que é interrompida pela frieza dos corpos, das palavras e das almas se não tiverem a engenhosidade da poesia unida à carnalidade do prazer lingual. Ele utiliza “coam”, “caem” e “criam”, pela sua via negativa, surpreendendo-nos no último e quarto dístico, com o substantivo “cama”. Dessa forma, no metacorpo da poesia, o erótico-linguístico constrói a metáfora da palavra incendiada pela sua beleza estética.

No poema 44, percebemos o jogo da tessitura do poema, na sua construção imagética. A dor de existir é representada pela subida e pela queda, pelo voo e tropeço. Ele diz, de forma bela e envolvente: “voz que se cala/eis sujeito indeterminado/ em voo-queda/a sombra da árvore-vulto”. Entre o existir e inexistir, confabula-se a sagração da poesia, que traduz um sujeito inacabado, não concluído, a produzir novos dilemas e criações. Mas, *Ininterruptos*, não termina com um poema talhado apenas pela delicadeza do sonho e da vida edificante. Num processo de desconstrução, o texto que fecha o livro é uma crítica irônica e cheia de sarcasmo ao sistema dominante e “retalhado de costuras”, que nos separa e não nos redime, que nos aprisiona e mata e não nos vivifica e não nos sopra os acordes da beleza. Sua nova obra poética termina com um convite a pensar, na tentativa de se desmantelar o “modelo remendado”, o “modelo hipócrita”. Sua poesia derradeira fala de urgências para se “amputar o punho tirano e rasgar-se”, num chamado ao coletivo, não enquanto gado domesticado, mas percebendo esse mesmo coletivo em suas vozes individuais, conjugando a diversidade na unidade. Voltando a Nietzsche, o poema 59 quer “reinventar fórmulas”, fazer “reformas”, nos seus “significados concretos.” É um fazer nascer o fogo da criação, a Fênix renascendo das cinzas, remodelando as chamas da invenção e da liberdade. Essa poesia é um chamado à ação, que queima

no interior de cada ser em seu aspecto revolucionário. Uma metamorfose é necessária nesse sistema hierarquizante e binário.

Portanto, o novo livro de poemas de Delalves Costa remodela, pela língua e pela estética, unindo forma e conteúdo, os vários saberes e temáticas, que vão do religioso ao social, do poético ao existencial, multifacetando o real em suas diversas camadas polissêmicas, reorganizando o caos do mundo pela singularidade de sua poesia inaugural. Que sua obra ganhe a visibilidade necessária e urgente do público e da crítica especializada.